

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ- ICESPI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

FERNANDES DA ROCHA BATISTA

O MATERIALISMO HISTÓRICO DE KARL MARX

TERESINA-PI
2013

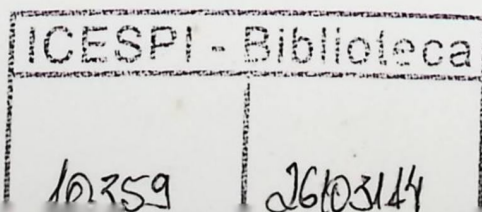
FERNANDES DA ROCHA BATISTA

O MATERIALISMO HISTÓRICO DE KARL MARX

Monografia apresentada ao Instituto
Católico de Estudos Superiores do Piauí
ICESPI como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms.
Pe. José de Anchieta José de Anchieta.

cod. 4544
100
B333m

TERESINA
2013



Filosofia
- Materialismo - História
- ICESPI - Trabalhos Monográficos

FERNANDES DA ROCHA BATISTA

O MATERIALISMO HISTÓRICO DE KARL MARX

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí
ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em
Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Pe. José de Anchieta José de
Anchieta.

Aprovado com conceito _____

Teresina, __de____de 2013

Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho

Prof. Ms. Pe. José de Anchieta Arrais de Carvalho

Orientador

Professor (a) examinador

Pe. João Carlos de S. S. de M.

Professor (a) examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador de todas as coisas, doador do dom da vida, pelo dom da Inteligência e da minha vocação e a meus pais, Nelson Batista e Aurora da Rocha Batista. A Igreja Particular de São Raimundo Nonato, representada pelo nosso bispo Dom João Santos Cardoso pela acolhida e confiança. Aos meus familiares e a todos os amigos que torcem pela minha vitória. Aos meus irmãos do Seminário, em especial aos irmãos e companheiros que encerram essa etapa formativa junto comigo.

Ao orientador deste trabalho Pe. José de Anchieta Arrais, a Professora Ana Beatriz Seraine pela dedicação e esforço; ao Padre Gercílio Santana Dias, pelo carinho e incentivo a este trabalho.

A todo corpo docente do ICESPI, que contribuíram com a minha formação acadêmica, pelo amor com que se doam na formação do futuro clero do Piauí. Ao coordenador do curso de Filosofia, Pe. Wellistony C. Viana, pelas correções e incentivo.

Aos bibliotecários, em especial, à Tereza, que com tanta simplicidade sempre nos atende com atenção.

A todos os funcionários do ICESPI, pelo testemunho de simplicidade e alegria de viver.

Aos padres: Clodomiro, Gilberto Felipe e Júlio Cesar que contribuíram com minha formação.

Aos irmãos e companheiros da Diocese de São Raimundo Nonato com os quais convivi durante os três anos.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido com base em leituras de Karl Marx e Friedrich Engels e outros filósofos. Isso por tratar-se de uma introdução a uma análise da sociedade atual, enumerando alguns pontos críticos da constituição das ações excludentes do capitalismo financeiro a partir das suas ideologias e práticas fundamentadas em princípios reais. Outro aspecto importante lembrado neste trabalho é quanto à valorização do indivíduo e, na formação da consciência crítica de cada homem para a transformação social e, conseqüentemente sua libertação da alienação dos meios de produção e de qualquer outra forma de opressão. Lembrando a importância da ação para a libertação da opressão para alcançar a sociedade sem classe e sem opressão. Talvez, a nova sociedade - a sociedade comunista, que era o ideal de Karl Marx, não tenha se realizado justamente por desprezar os princípios transcendentais moral, religioso e metafísico e fixar-se unicamente no seu materialismo histórico que de certa forma favoreceu o estabelecimento do capitalismo. Mesmo com as constantes lutas pelas transformações dos meios de tratamento que são submetidos os trabalhadores assalariados, ainda não foram superados até hoje as mais diversas formas abusivas de sobreposição das classes dominantes em relação à classe operária.

Palavras-chave: Karl Marx. Capital. Materialismo histórico. Luta de classe.

ABSTRACT

This research was developed based on readings of Karl Marx and Friedrich Engels and other philosophers . This is because it is an introduction to an analysis of current society , listing some critical points of the constitution of the shares exclusive of financial capitalism from its ideologies and practices based on real principles . Another important aspect of this work is remembered as the appreciation of the individual and the formation of critical consciousness of every man for social change and hence their liberation from the sale of the means of production and other forms of oppression. Recalling the importance of action for liberation from oppression to achieve classless society without oppression. Perhaps the new society - a communist society , which was the ideal of Karl Marx , has not done rightfully despise Principles transcendental moral , religious and metaphysical and set up entirely on their historical materialism that somehow favored the establishment of capitalism. Even with the constant fights by means of transformations that are undergoing treatment of employees , has not been surpassed to this day the most diverse forms of abuse overlap of the ruling classes against the working class .

Keywords: Karl Marx. Capital. Historical materialism. Class struggle.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2. O PENSAMENTO DE KARL MARX.....	9
2.1. O PENSADOR.....	9
2.2 OS PRESSUPOSTOS DO PENSAMENTO DE KARL MARX.....	12
2.2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	13
2.2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO FILOSÓFICA.....	15
3 O MATERIALISMO HISTÓRICO.....	18
3.1 TIPOS DE MATERIALISMOS.....	20
3.2 O HOMEM, AS RELAÇÕES DO HOMEM COM A NATUREZA, ENTRE SI E OS MODOS DE PRODUÇÃO.....	21
3.3 A DIVISÃO DO TRABALHO.....	25
3.4 A LUTA DE CLASSES.....	27
4. O DESDOBRAMENTO DO PENSAMENTO MARXISTA.....	31
4.1 A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES.....	31
4.2 A ESCOLA DE FRANKFURT.....	36
5 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade moderna, percebe-se um considerável avanço de técnicas e dos meios de produção industrial. Com tais avanços, vão delineando-se, também, as mais variadas formas de aquisição de capital de modo a proporcionar a riqueza dos proprietários dos meios de produção. Em contrapartida, também se percebe grande maioria de operários em condições de sobrevivência, isto é, todo o trabalho reverte-se em condições básicas de moradia, alimentação, saúde, educação, na maioria das vezes precárias.

Neste sistema, as pessoas não vivem tão somente para si, mas para o mundo capitalista, ou seja, é preciso, para a garantia de uma vida digna, que as pessoas dediquem a maior parte do seu tempo para o desenvolvimento de atividades trabalhistas, onde o seu único meio de sobrevivência é a venda da capacidade de trabalho.

Embora Marx tenha vivido no século XIX, o pensamento ainda permanece atual. Tudo gira em torno da economia. E, muitos conflitos sociais ocorridos em todo o mundo, são decorrentes da busca incessante do lucro na aquisição do poder econômico. Basta lembrar os recentes acontecimentos como: a guerra do Iraque, o atentado de 11 de setembro, a guerra entre Israel e Palestina. A crise econômica da Argentina, a Bolívia com a mais recente das crises econômicas, entre outras, podem ser apontadas como exemplo.

Este trabalho busca fazer um estudo sobre o materialismo histórico marxista e outros aspectos do pensamento elaborado por Marx, bem como suas influências e seus desdobramentos posteriores. Antes de tudo, no primeiro capítulo, buscou-se trabalhar os pressupostos teóricos do pensador a ser trabalhado. Apresenta-se a biografia de Marx, seu contexto histórico e filosófico e, também, as influências que ele recebeu ao desenvolver sua vida intelectual. Ressalta-se aqui a influência de Hegel e a escola hegeliana; dentro da escola hegeliana, a decisiva influência de Ludwig Feuerbach.

No segundo capítulo, expõe-se o materialismo histórico propriamente dito. Inicialmente se fará a distinção entre os conceitos de materialismo, bem como a conceituação de materialismo histórico no pensamento marxista e seus pontos principais. Posteriormente, refletiu-se sobre a situação do homem na sociedade e a formação de sua consciência, modos de produção e suas relações com os outros

homens e com o ambiente. A divisão do trabalho também foi um dos aspectos apontados neste trabalho. Ao fim do segundo capítulo, explana-se sobre a luta de classes e suas conseqüências no desenvolvimento da história.

No terceiro capítulo discorre-se a respeito do desdobramento das idéias de Marx durante os séculos XIX e XX, que de alguma forma ainda chega ao século XXI. Dentre as inúmeras escolas, grupos, partidos e organizações que desenvolveram o pensamento marxista, escolheu-se trabalhar com duas vertentes: a da Associação Internacional de Trabalhadores, com suas Internacionais; e com a Escola de Frankfurt que até hoje tem representantes vivos, Jürgen Habermas é um exemplo.

Porém, não se tem, aqui, a pretensão de esgotar este tema tão vasto, mais de dar uma introdução à discussão bem atual e instigante, sobre a qual muito virá a ser acrescentado em futuros trabalhos. Por isso, alguns temas são abordados sucintamente de modo a permitir que o objetivo da pesquisa não fosse descuidado.

2.1. O PENSADOR

Karl Heinrich Marx nasceu em Trier, capital da província alemã do Reno, no dia 05 de maio de 1818. Na sua vida impõe a situação política e cultural desta província, é importante ressaltar sua posição dentro dos acontecimentos do época. Este pensador nasce em plena Revolução Francesa, que havia ocorrido há poucas décadas atrás e a cidade onde nasceu desempenha papel importante, apresentando a qualidade entre as várias Revoluções revolucionárias advindas da França e do pensamento contrarrevolucionário do Antigo Regime, liderado pela Prússia.

Seu pai era Heinrich Marx, um advogado e funcionário público. Sua mãe era Henriette Pressburg, de família de rabinos judeus húngaros que se estabeleceram na Holanda no século XVII. Seus pais eram judeus, e isso indica que tiveram que se converter ao cristianismo em função das restrições impostas à presença de membros de etnia judaica no serviço público. Seu pai recebe muita influência do pensamento francês do século XVII sobre ciência, religião e arte.

Marx fez seus estudos secundários em Trier. Em 1836, depois de brilhantes sucessos na escola, Marx foi estudar nas Universidades de Bonn e Berlin, começando pelo Direito, de forma a agradar o seu pai, contudo, desistiu de forma

2 O PENSAMENTO DE KARL MARX

Para entender uma teoria antes se precisa entender o pensador. Buscar a gênese do pensamento do autor, recorrer à sua biografia e entender de que forma fora elaborado o conjunto de idéias as quais ele desenvolve. Nesse processo inclui apontar, também, quem foram seus inspiradores e até mesmo a quem ou a quê este pensador se opunha para, de forma holística e clara, adentrar na teoria a qual o autor se propõe desenvolver.

Com Karl Marx não há de ser diferente. Buscar as origens deste pensador do século XIX, suas influências familiares e extra familiares, seus primeiros passos na vida intelectual, seu desenvolvimento juvenil, bem como sua fase adulta, é fundamental para o entendimento do mesmo. Buscar seus mestres na Alemanha de então, seus inspiradores, seus opositores e críticos, tudo isto nos encaminha para uma análise cuidadosa do legado intelectual deste autor.

2.1. O PENSADOR

Karl Heinrich Marx nasceu em Treves, capital da província alemã do Reno, no dia 05 de maio de 1818. No que diz respeito à situação política e cultural desta província, é importante ressaltar sua posição diante dos acontecimentos da época. Este pensador nasce em plena Revolução Francesa, que havia ocorrido há poucas décadas atrás e a cidade onde nascera desempenhara papel complicado, apresentando a dualidade entre as idéias liberais revolucionárias advindas da França e do pensamento contrarrevolucionário do Antigo Regime, liderado pela Prússia.

Seu pai era Heirinch Marx, um advogado e funcionário público. Sua mãe era Henriett Pressburg, de família de rabinos judeus húngaros que se estabeleceram na Holanda no século XVII. Seus pais eram judeus, e tudo indica que tiveram que se converter ao cristianismo em função das restrições impostas à presença de membros de etnia judaica no serviço público. Seu pai recebe muita influência do pensamento francês do século XVII sobre ciência, religião e arte.

Marx fez seus estudos secundários em Treves. Em 1835, depois de brilhantes sucessos na escola, Marx foi estudar nas Universidades de Bonn e Berlim, começando pelo Direito, de forma a agradar o seu pai, contudo, dedicou-se de forma

muito intensa aos estudos sobre Filosofia e História. No ano seguinte transferiu-se para a Universidade de Berlim, onde a influência de Hegel ainda era bastante sentida, mesmo após a morte do celebrado professor e reitor daquela universidade. Depois de uma resistência inicial, Marx sucumbiu à filosofia de Hegel, substituindo, porém, a idéia da predominância do espírito sobre a matéria pela predominância da matéria sobre o espírito.

Ainda em 1836, quando estudava em Berlim, noivou, em segredo, com Jenny Von Westphalen, filha de um aristocrata de Treves. Ela fora sua amiga desde a infância e com ela se casaria em 1843. Nessa mesma época se transformou assíduo freqüentador do *Doktor-club*, círculo de jovens intelectuais que estudavam as idéias do filósofo Hegel do ponto de vista revolucionário. Estes jovens seriam chamados de jovens hegelianos, ou esquerda hegeliana, em contraposição aos velhos hegelianos, ou direita hegeliana.

Em 1841, laureou-se em Filosofia pela Universidade de Berlim. Depois defendeu a tese sobre o materialismo de Epicuro e Demócrito, isto é, sobre a Diferença entre a *Filosofia da Natureza de Demócrito e Epicuro*. Este trabalho tinha ligação estreita com a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Pensou em obter o título de livre docente em Bonn, por influência e ajuda de Bruno Bauer, na época seu amigo, contudo este fora afastado da Universidade de Bonn, o que ocasionou uma mudança de planos de Marx em relação à Academia.

Desde então, Marx passou para o jornalismo tornando-se redator da *Gazeta Renana* e com 24 anos, chefe da redação. Este jornal era órgão dos burgueses radicais da Renânia. Foi aí que Marx entrou nas questões sociais de forma mais direta. Desde o início ficou sempre clara a influência de Marx na *Gazeta Renana*, bem como, era clara a oposição que este jornal fizera ao governo prussiano. Assim ratifica Enderle:

Desde a publicação de seu primeiro artigo na *Gazeta Renana*, a influência de Marx nos rumos do periódico se tornaria cada vez mais forte [...] Sob a liderança de Marx, a *Gazeta Renana* radicalizou seu perfil democrático e tomou partido em defesa dos interesses dos trabalhadores e das populações mais pobres, consolidando-se, ao mesmo tempo, como o principal órgão de oposição na Alemanha. (2005, p.115).

Devido as suas posições contra o governo prussiano, o jornal foi censurado em janeiro de 1843. De Colônia, Marx vai para a França, precisamente Paris. Ainda neste ano, casa-se com Jenny Von Westphalen, deste casamento nasceram os filhos: Franziska, Edgar, Eleanor, Laura e Guido.

Neste período Marx estuda o pensamento de Ludwig Feuerbach, onde encontra simpatia pelas idéias do ateísmo antropológico, traço que Marx já carregava da esquerda hegeliana. No verão de 1843 escreveu a *Crítica do direito público de Hegel*, cuja introdução fora publicada nos *Anais franco-alemães*, em 1844, em Paris. De forma lamentável, só houve uma edição dos *Anais franco-alemães*. Estes eram projetados por Marx e Arnold Ruge, filósofo, escritor e político alemão.

Foi em Paris que Marx entrou em contato com o socialismo utópico de Fourier, Saint-Simon e especialmente Proudhon, que mais tarde terão suas idéias contestadas por Marx em nome do socialismo filosófico. Ali, prossegue suas pesquisas de filosofia e economia política, e assim escreve os *Manuscritos econômico-filosóficos* em 1844, só publicados em 1932.

Ainda no ano de 1844, Karl Marx conhece Friederich Engels. Este se tornaria seu braço direito, bem como, amigo e colaborador em suas despesas. Viu a possibilidade gigantesca do movimento operário, tornou-se comunista e socialista, também teórico do proletariado, que lhe custou à expulsão da França em 1845. Escreveu com Engels dois livros: em 1845 a *Sagrada família*, em Bruxelas onde se refugiou e a *A ideologia alemã*. Ainda em 1845, Marx escreve *As teses sobre Feuerbach* e em 1847, contra o socialismo utópico de Proudhon, escreve *A miséria da filosofia*, em resposta à *Filosofia da miséria* de Proudhon.

Em 1848, a pedido da Liga Comunista escreveu com Engels o *Manifesto do Partido Comunista*, onde pregava a luta de classes e a união do proletariado, e logo que estourou o movimento, teve que sair de Bruxelas. Daí Marx teve um breve retorno a Colônia, onde sem sucesso fundou a *Nova Gazeta Renana* que foi imediatamente fechada. Então, Marx retorna a Paris, onde sua estadia não é aceita. Marx vai para Londres.

Em Londres, sua família passa muitas necessidades. Sobrevive de seus escritos e da ajuda financeira de seu amigo Engels, podendo levar adiante suas pesquisas de economia, história, sociologia e política que constituíram a base de O

Capital, cujo primeiro volume saiu em 1867. Os outros volumes foram publicados postumamente por Engels, em 1885 e 1894.

Sua última década foi um período de muito trabalho intelectual, principalmente em “O Capital” no Museu Britânico. Empenhado na atividade de organização do movimento operário, conseguiu fundar em 1864 a “Associação Internacional dos Trabalhadores”, que se dissolveu em 1872 (oficialmente em 1876).

Sua esposa, Jenny, morreu em 02 de dezembro de 1881 e Marx morreu em 14 de março de 1883, sendo sepultado no cemitério londrino de Highgate, como apatriado. Marx deixou como herança uma formidável produção teórica e uma tradição intelectual nos campos da filosofia, economia, política e sociologia.

2.2 OS PRESSUPOSTOS DO PENSAMENTO DE KARL MARX

Para compreendermos a produção teórica no campo filosófico de Karl Marx se faz necessário contextualizar o pensador no seu tempo, ou seja, entender os pressupostos históricos e filosóficos da época de então. Conhecer o contexto no qual se encontrava a Europa, principalmente, a Alemanha daquela época. E de forma mais específica, abordar a ideologia dominante no campo intelectual.

Cabe apontar neste trabalho que Marx foi devedor do sistema filosófico hegeliano, assim como fora a Alemanha do século XIX. Após a morte de Hegel, no ano de 1831, um grande número de discípulos, estudantes e críticos deram continuidade a esta escola. David Strauss depois iria classificar os pós-hegelianos em duas correntes: a direita hegeliana e a esquerda hegeliana.

Marx fez parte da chamada esquerda hegeliana, composta de jovens que apontavam para uma reflexão sobre o estado de uma superação da Prússia, que estava por vir; e sobre a religião diziam não haver conciliação entre a filosofia hegeliana e o cristianismo. Contudo, em sua obra *Ideologia alemã* e, também, nas *Teses sobre Feuerbach*, ele aponta oposição contundente a estes pensadores, os quais ele considera como pensadores fora da realidade cotidiana dos homens. (MARX e ENGELS, 2008).

No campo econômico, tem-se a fase da revolução industrial. Como suporte desta revolução havia a revolução empirista inglesa. Esta teoria empirista passava a substituir as idéias filosóficas puramente abstratas por tudo aquilo que fosse

empiricamente comprovado. Quanto aos pressupostos mencionados acima (contextualização histórica, contextualização filosófica) serão agora apresentados.

2.2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A região em que Marx nasceu era um ponto de convergência de idéias, muito próxima da França, e estava constantemente sendo influenciada pelas idéias que vinham daquela região. A região da Renânia, também exercia grande papel cultural na Prússia e as idéias que surgiam por lá, certamente tinham influência no território prussiano. Era o ponto de encontro do liberalismo revolucionário vindo da França e do conservadorismo do antigo regime liderado pela Prússia, onde a filosofia hegeliana convertera-se numa espécie de ideologia oficial.

As idéias liberais da Revolução Francesa de 1789 logo penetraram a Alemanha. A revolução burguesa propunha a organização da sociedade segundo os princípios liberais. Para o liberalismo interessava garantir a liberdade para os indivíduos que dela fazem parte, opondo-se, radicalmente, ao Absolutismo, porque nele a vontade de quem controla o Estado prevalece sobre as liberdades individuais. É a partir da Revolução Francesa que as idéias liberais se impõem na Europa, em especial, nos países mais próximos à França Revolucionária.

O que a revolução traz de novo à história universal é fazer da liberdade o funcionamento no qual se alicerça a vida comum dos homens. A liberdade faz assim o princípio universal da sociedade, por conseguinte, esta é a meta da Sociedade e do Estado. As sociedades anteriores marcadas pela idéia de ordem, hierarquicamente estruturadas, legitimavam direitos particulares que, na realidade, eram privilégios fundadores de desigualdades.

É desta mesma época e inserida no mesmo contexto de revoluções que surgem as declarações dos Direitos Humanos. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão na França, e do outro lado do Atlântico, a Declaração dos Direitos do Homem nos Estados Unidos da América, são um ponto culminante de uma época de reflexão a respeito das liberdades individuais e do bem estar dos indivíduos. Este conjunto de direitos era reunido contra a exploração do Estado, luta que Marx também empenhou contra a Prússia.

Na Europa ocidental, entre 1820 e 1850 houve um período de grande crescimento econômico e prosperidade, porém, ao mesmo tempo, de muitas revoltas

que, de alguma forma, dificultava o desenvolvimento existente. A explicação para o grande número de revoltas encontra-se exatamente no processo de industrialização que estava ocorrendo nesse período. A industrialização consolidou a existência de duas classes sociais que marcaram profundamente a história do mundo daí para frente: a burguesia e o operariado. Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista descrevem o surgimento da burguesia da seguinte maneira:

A moderna sociedade burguesa, surgida das ruínas da sociedade feudal, não eliminou os antagonismos entre as classes. Apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das antigas. (MARX; ENGELS, 2011, p. 40).

A sociedade urbana e industrial prometia melhores condições de vida às pessoas, no entanto havia muita gente procurando emprego. A maioria da população vivia no campo explorado pelos grandes proprietários e as cidades cresciam rapidamente e sem planejamento. Apesar dos avanços relacionados à vida humana – técnico – científico, social, cultural e político – e o crescimento da economia industrial, que prometia resolver todos os problemas, mesmo assim, a pobreza não diminuía.

As transformações sociais e econômicas tinham fortalecido a burguesia e criado uma massa de trabalhadores. A burguesia não simpatizava nem um pouco com os regimes absolutistas que voltavam a se instalar na Europa com a onda conservadora. A burguesia, de inspiração liberal, refutava a tradição, afirmava a fé no progresso e negava a desigualdade pelo nascimento, valorizando o talento individual. A burguesia colocou suas fábricas a todo vapor e as atividades comerciais adquiriram intensidade nunca vistas. Ela desejava ocupar o lugar da aristocracia.

Assim, por volta de 1830 a burguesia já controlava a economia e a ideologia da maior parte das sociedades européias, sendo que as revoluções liberais trouxeram o que lhe faltava, o poder político. A partir daí, inaugura-se uma nova fase na burguesia. Com o poder político, ela colocará tudo a favor de seus negócios: o governo, as leis, a educação, o exército, a política, a justiça e a religião. Tudo está a favor de seus interesses e nada pode ser “a pedra de tropeço” para seus negócios.

A burguesia não admitia um Estado intervencionista na política e na economia, bem como esta classe defendia a democracia, apesar de afirmar que a

pessoa deveria ser priorizada e não o lucro. Desde o início do século XIX, já existiam pensadores preocupados em acabar com a degradação humana, admiravam a Revolução Industrial, mas condenavam a miséria que ela tinha trazido, coisa que estes intelectuais não aceitavam.

Neste contexto surge o pensamento socialista e pouco a pouco foi se tornando uma ideologia da classe proletária que se desenvolveu com a industrialização e acreditava que a nova sociedade só viria depois de uma revolução. Uma revolução feita pelo operariado com o objetivo de acabar com a burguesia.

Com isso surgem os movimentos operários, de orientação socialista. Marx ao ver a grande capacidade destes movimentos, torna-se teórico do movimento socialista, pregando a revolução pela união dos operários e pela luta de classes. Essa revolução se propunha a organizar os operários de todo o mundo para destruir o poder da burguesia e acabar com o capitalismo.

Apontando de forma contundente as influências histórico-sociais que Karl Marx sofrera, Bittar e Almeida afirmam o seguinte:

Marx, porém, não surgiu sozinho, em seu momento histórico, e também não lecionou aquilo que não era uma solicitação necessária em sua época (pós-Revolução Industrial, pós-Revolução Francesa, pós-Codificação do Direito...). Ademais, os prenúncios dos movimentos sociais e das reivindicações teóricas a serviço dos explorados vinham ecoando desde o século XVIII, com destaque a inúmeros escritores (2010, p. 359).

Por mais de um século o socialismo orientou o movimento sindical e os partidos trabalhistas de todo o mundo. Teve grande impacto sobre a sociedade e contribuiu para que a ampliação da liberdade defendida pelo liberalismo fosse também acompanhada pela ampliação da igualdade. Desta maneira, é incontestável que Marx tornou-se um clássico da filosofia e um ícone do socialismo e do comunismo, causando grande impacto no mundo e sendo estudado e "reverenciado" até hoje.

2.2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO FILOSÓFICA

Karl Marx, filósofo e intelectual, ideólogo do comunismo, também colaborador do movimento proletário internacional, foi, sem dúvida, um dos maiores nomes dos quais chamamos de clássicos da filosofia. Poucos conseguiram tanta repercussão na organização social, política e econômica do mundo.

A filosofia de Marx tem origem no século XIX. Segundo Lênin (apud, Reale e Antiseri) “o marxismo é o legítimo sucessor de tudo o que a humanidade criou de melhor durante o século XIX: a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês” (REALE e ANTISERI, 2007, p. 174).

As raízes da filosofia marxista estão fixadas na tradição filosófica ocidental, que estende desde Maquiavel, Spinoza, através dos filósofos do iluminismo francês e alemão do século XVIII, até culminarem no idealismo de Hegel e no materialismo de Feuerbach. Sua essência mesma é a preocupação com o homem e com a realização de suas potencialidades. “O pensamento de Marx formou-se em contato e contra a filosofia de Hegel, as idéias da esquerda hegeliana, as obras dos economistas clássicos e as obras dos socialistas que ele mesmo chamaria de ‘utópicos’” (REALE e ANTISERI, 2007, p. 186).

Como já fora apontado, o pensamento de Marx tem uma relação estreita com o pensamento hegeliano. No século XIX o sistema filosófico dominante em Berlim era o sistema de Hegel. A sua fenomenologia, a sua dialética e a sua teoria do desenvolvimento do espírito absoluto na história são pilares desse sistema.

A filosofia de Hegel foi importante para Marx sob dois aspectos. Em primeiro lugar, Marx foi profundamente influenciado pelas críticas de Hegel a Kant e pela sua filosofia da história. Em segundo lugar, Marx valeu-se do método dialético de Hegel na sua forma mais abrangente [...] para mostrar a estrutura dinâmica do modo de produção capitalista. (BOTTOMORE, 2001, p.175).

Ratificando ainda a influência hegeliana no pensamento do jovem Marx, Silva, Nóbrega e Fonseca (2011, p. 9), afirmam que:

Marx apesar de controverter os principais elementos da teoria hegeliana para situá-la ou redefini-la numa concepção materialista que se torna frontalmente antagônica à concepção idealista de Hegel, [...] reconhece (e admira) o valor da contribuição hegeliana, principalmente no que diz respeito ao método dialético.

Como tradição do pensamento hegeliano, a esquerda hegeliana seria freqüentada por Marx com muito fervor durante alguns anos. A contraposição aos velhos hegelianos era o motor que impulsionava estes jovens pensadores, dentre eles, Marx e Feuerbach. Longe de ser um sistema de pensamento filosófico homogêneo, os pontos principais do pensamento da esquerda hegeliana estão ligados ao Estado e à religião, apresentando e aprimorando o método dialético hegeliano e de forma contundente apontando a sua transitoriedade de tudo que existe (SILVA; NÓBREGA; FONSECA, 2011).

Ludwig Feuerbach fora companheiro de Marx durante seu período de esquerda hegeliana. Certamente este tenha sido muito influenciado pela antropologia daquele. Tirar Deus do centro da vida humana e eleger o próprio homem como seu Deus, grosso modo, esta era a antropologia feuerbachiana. Certamente a maior contribuição da antropologia feuerbachiana fora o seu materialismo no lugar do idealismo predominante e que de alguma forma, Marx utilizou este materialismo pensado por Feuerbach (REALLE; ANTISERI, 2007).

Ao tempo que foi influenciado, Marx, também, teceu críticas ao modo de pensar de Feuerbach. Nas *Teses sobre Feuerbach*, Karl Marx (MARX; ENGELS, 2008, 99).logo na primeira tese faz a seguinte afirmação:

Ate aqui o principal defeito de todo materialismo (incluindo o de Feuerbach) consiste em que o objeto, a realidade, a sensibilidade, só é apreendido sob a forma de objeto ou intuição, mas não como atividade humana sensível, como práxis, não subjetividade.

Neste sentido a obra de Marx tornou-se um suporte teórico às grandes transformações mundiais na economia e na política de muitos países. Sua obra atravessou os séculos e chega viva até nós. Durante todo este tempo foi amada por alguns, odiada por outros, porém nem sempre lida, o que gerou várias e más interpretações. Por isso, estudar a filosofia marxiana é uma tarefa não muito fácil, isso se não quiser reproduzir as falsificações com que a burguesia e seus ideólogos tratam o assunto.

O marxismo é uma teoria crítica da sociedade capitalista. Promove em todo o mundo uma prática política de emancipação, rebeldia, resistência, libertação e revolução. Pressupõe uma concepção de mundo e de vida, da história e do sujeito, que expressa o ponto de vista das classes oprimidas e dos explorados. Como teoria

crítica, constitui um saber aberto. É científica, filosófica, ideológica, ética e política ao mesmo tempo.

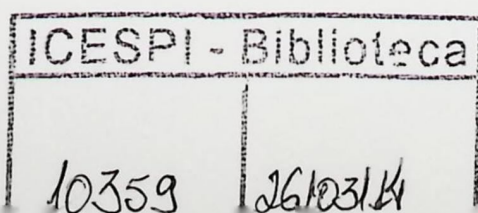
No que diz respeito à tradição do pensamento de Marx, a que se distingue entre os marxistas e os marxianos.

O termo marxiano é mais técnico, referindo-se aos textos escritos exclusivamente por Karl Marx. O termo marxista alude aos escritos, ao pensamento e às tradições políticas não apenas de Marx, mas também de seus seguidores e partidários posteriores, até os dias de hoje (KOHAN, p. 9).

Em Marx, a filosofia ultrapassa o sentido meramente especulativo e passa a discutir os problemas enfrentados pela humanidade. Por isso, o fundamento do filosofar está ligado a um compromisso histórico, algo que Marx traz como herança hegeliana.

Substancialmente, para Marx, a filosofia de Hegel interpreta o mundo de cabeça para baixo: é ideologia. Hegel raciocina como se as instituições existentes, como, por exemplo, a herança derivasse de puras necessidades racionais, legitimando assim a ordem existente como imutável. A realidade é que, segundo Marx, Hegel transforma em verdades filosóficas dados que são puros fatos históricos e empíricos. E, assim, "por toda parte Hegel cai do seu espiritualismo político para o mais crasso materialismo". (REALE e ANTISERI, 2007, p. 186).

Portanto, não mais uma história especulativa e, sim uma história real que se pode provar empiricamente.



3 O MATERIALISMO HISTÓRICO

No século XIX houve grandes controvérsias no campo filosófico, e nesse período o sistema filosófico de maior destaque era o idealista atribuído a Hegel para quem “história era defendida como realidade absoluta” (MONDIN, 1983, p. 90). A história era apenas o desenvolvimento de um espírito absoluto, que de forma, independente, desenvolvia-se dialeticamente de forma autônoma; e nisto consistia a realidade para os idealistas.

Em contraposição a este idealismo hegeliano e pós-hegeliano surge, a partir de Marx e Engels, de forma específica na *A Ideologia Alemã* e nas *Teses sobre Feuerbach*, o materialismo histórico. Assim “Os dois temas centrais das *Teses sobre Feuerbach* são o caráter passivo, não-histórico, do materialismo tradicional, contemplativo, e o papel fundamental da atividade transformadora, ou prática na vida social [...]”. (BOTTOMORE, 2001, p. 255). Neste aspecto, Marx e Engels (2008, p.19) afirmam o seguinte:

Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe ao céu. Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital.

Por mais que a tese materialista já tivesse sido desenvolvida na filosofia desde o período pré-socrático até os dias atuais sob as mais variadas formas. Engels ainda aponta a escola empirista inglesa como os pioneiros do materialismo moderno, bem como, aponta o filósofo inglês Francis Bacon como o pai da doutrina materialista.

Contudo, o materialismo marxista aponta contra um aspecto específico da época, o idealismo alemão, que teve seu ponto máximo em Hegel. De toda forma, confirma sua oposição ao sistema hegeliano no início da obra *A ideologia alemã*: (MARX e ENGELS, 2008, p. 07) “essa dependência de Hegel é a razão pela qual não encontramos um só crítico moderno que tenha sequer tentado fazer uma crítica de conjunto ao sistema hegeliano, embora cada um jure ter ultrapassado Hegel”.

Para os hegelianos de esquerda e Feuerbach a história era resultado das ideologias, Marx e Engels concebiam a história como processo em constante movimento, com contradições e transformações. Defendem a possibilidade de captar a lógica de funcionamento dessa realidade histórica para que nela pudessem intervir (MORAIS, 2012, p. 22).

“Nenhum desses filósofos teve a idéia de se perguntar qual era a ligação entre a filosofia alemã e a realidade alemã, a ligação entre sua crítica e o seu próprio meio material.” (MARX; ENGELS, 2008, p.10). Esse é o ponto crítico que Marx e Engels lançam aos filósofos que buscam apreender a realidade do homem sem buscar nele mesmo seus fundamentos materiais. A partir desta acusação de uma reflexão fora da realidade, Marx lança a seguinte afirmativa na *A Ideologia Alemã*: “não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência”. (MARX, 2008, p. 20).

3.1 TIPOS DE MATERIALISMOS

Vale ressaltar que no século XIX, na Alemanha, este materialismo já é apontado por Feuerbach, contudo, segundo Marx, o materialismo de Feuerbach acaba não buscando fundamentação na realidade; é a antropologia feurbachiana acaba se transformando em uma espécie de idealismo antropológico, onde apenas troca-se a idéia de Deus pela idéia do homem. A título de ilustração da crítica e do desenvolvimento do materialismo de Feuerbach, Marx (1986, p.12) afirma na sua segunda tese de *Teses sobre Feuerbach*:

A questão é de saber se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é uma questão teórica, mas prática. É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não-realidade do pensamento isolado da práxis – é uma questão puramente escolástica.

De toda forma, nesta discussão sobre materialismo histórico, há que se apontar e distinguir entre o materialismo propriamente dito, e outras formas de entender o materialismo que se apresentam a partir de muitas matizes. Como materialismo, de modo geral, afirma-se que “em seu sentido amplo [...] tudo o que existe é apenas matéria ou, pelo menos, depende da matéria”. (BOTTOMORE, 2001, p. 254).

Ainda pode-se apresentar o materialismo filosófico que se desdobra em três vertentes, quais sejam: a) o materialismo ontológico que se caracteriza pela afirmação unilateral do ser social em relação ao ser biológico e a emergência do primeiro a partir do segundo; b) o materialismo epistemológico, que afirma a existência independente e a atuação transfactual de pelo menos alguns dos objetivos do pensamento científico; c) o materialismo prático, que afirma o papel constitutivo da ação transformadora do homem na reprodução e na transformação das formas sociais. (BOTTOMORE, 2001).

Seguindo a distinção entre os tipos de materialismo apresentados até então, ainda há o materialismo histórico.

Afirma o primado causal do modo de produção dos homens (e das mulheres) e de reprodução do seu ser natural (físico), ou, de um modo mais geral, do processo de trabalho do desenvolvimento da história humana (BOTTOMORE, 2001, p. 256),

E no *Dicionário do pensamento marxista* encontra-se uma síntese da concepção materialista onde aponta as idéias principais de tal forma de pensar a realidade social existente:

As principais conotações de significação filosófica da concepção materialista da história de Marx são: (a) a negação da autonomia, e, portanto, do primado, das idéias na vida social; (b) o compromisso metodológico com a pesquisa historiográfica concreta, em oposição à reflexão filosófica abstrata; (c) a concepção da centralidade da práxis humana na produção e na reprodução da vida social [...] (d) a ênfase na significação do trabalho enquanto transformação da natureza e mediação das relações sócias, na história humana; (e) a ênfase na significação da natureza para o homem [...]; (f) a preferência pelo simples realismo cotidiano e o compromisso, que se desenvolve gradativamente, com o realismo científico, através do qual Marx vê a relação homem-natureza como uma relação internamente assimétrica, em que o homem é essencialmente dependente da natureza enquanto esta, no essencial, independe do homem (BOTTOMORE, 2001, p. 256).

Cabe neste ponto ressaltar o materialismo dialético como o corpo filosófico do pensamento marxista. Este materialismo foi, de certa forma, desenvolvido por Engels e alguns marxistas chamados *marxistas de primeira geração* a partir da obra *Anti-Dühring* de Engels e o *Capital* de Marx.

3.2 O HOMEM, AS RELAÇÕES DO HOMEM COM A NATUREZA, ENTRE SI E OS MODOS DE PRODUÇÃO.

O homem é sujeito de sua própria existência. Havendo as determinações materiais objetivas sob as quais o homem é modelado, ele também, participa destas determinações, tendo em vista que ele é sujeito neste processo. Não como a filosofia idealista determina, isto é, uma realidade exterior ao homem que seja totalmente desligada do próprio sujeito.

Marx, no desenvolvimento de seu pensamento a respeito das condições reais do homem, aponta a produção da consciência humana como um dos pontos fundamentais a serem refletidos. Em sua obra *A ideologia alemã* faz a crítica da separação do homem que pensa e do homem que faz. "A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são" (MARX; ENGELS, 2008, p.11). E ratifica: "a maneira como os indivíduos se manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. [...] O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção" (MARX; ENGELS, 2008, p.11).

Ao falar que a realidade é material e não ideal, compreende que, o próprio homem é detentor de sua realidade no cotidiano. Para tanto, ressalta-se a existência do próprio ser humano em seu meio. Neste ambiente há uma relação entre o homem e a natureza. Sempre a realidade é modificada através do trabalho do homem, da intervenção na natureza. Este é um dos pontos principais do materialismo histórico de Marx, ou seja, que as relações materiais dos homens são reais.

Marx entende, também, que esta é uma relação dialética: ao tempo em que o homem influencia a natureza, o seu modo de viver também é influenciado. No mundo há uma interação do homem com a natureza, pois esta é a base sobre a qual ele discerne suas habilidades e modificando também modifica o seu modo de ser e de viver. Nisto consiste as relações de produção que são classificadas de dois tipos. Primeiramente, são as relações técnicas de produção, ou se pode chamar de relações do homem com a natureza. E em segundo, as relações sociais de produção ou as relações dos homens entre si através dos meios de produção. (HARNECKER, 1983).

O homem ao nascer encontra estruturas prontas como condições necessárias para sua sobrevivência, a saber: matéria prima e alimentos. Ele tem habilidade para o trabalho e, é através deste que transforma a natureza.

É por intermédio do trabalho que o homem muda a natureza, colocando-a a seu serviço. Ele planta, colhe, caça, pesca; enfim, vive através de seu trabalho. Na medida em que o ser humano se reproduz, através das relações sexuais entre homem e mulher, esse processo se expande pelo aumento natural da população. Ao mesmo tempo, para melhor desincumbir-se de sua tarefa de produção da vida material o homem desenvolveu instrumentos de trabalho, que cada vez mais foram funcionando como extensões e como aumento das capacidades do corpo humano (RODRIGUES, 2007, p. 33).

Antes do domínio da agricultura eles sobreviviam da pesca, coleta de frutas e caça de animais. Nesse período eram nômades, ou seja, não tinham moradia fixa. Quando os meios de alimentação de uma determinada região ficavam escassos eles migravam para outro território. Até aqui os objetivos fundamentais eram manter-se vivos e reproduzir. Acompanhar o desenvolvimento do homem e da sociedade na história é permanecer fiel ao modo de produção da existência humana que se dá a partir das relações materiais existentes entre o homem e a natureza; homem e homem; homem e sociedade.

Neste processo de interação do homem com seu meio, há o que se chama de modos de produção. Entre tantas interpretações sobre o que seria modo de produção destaca-se a seguinte:

Na produção social da sua vida, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma dada fase do desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e a que correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. [...] Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que não é mais que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no interior das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se convertem em suas travas. E assim se abre uma época de revolução social. (MARX apud BOTTOMORE, 2001, p. 267).

Constituindo a forma de agir do homem, ele busca sempre instrumentos para a produção dos bens materiais. Esses instrumentos são os meios de produção, dos

quais o homem se utiliza. Estes podem ser matéria-prima e infraestrutura física. Com isso, o homem passa a usar de forças produtivas para intervir na natureza, constituindo, assim, as relações de produção material indicadas por Marx. São estas relações materiais que irão determinar a ação do homem e aquilo que ele é, isto é, sua existência e consciência.

Estas relações de produção tem como centro a propriedade privada. Segundo Marx essa propriedade privada se apresenta de várias formas durante o desenvolvimento da história da humanidade. As formas de propriedade privada apresentadas por Marx e Engels (2008) são: a propriedade tribal; a propriedade estatal; a propriedade feudal e a propriedade capitalista.

A propriedade tribal se caracteriza pelo que se chama da fase em que não houve ainda o desenvolvimento da produção. A alimentação é praticamente feita através da caça e da pesca e, em outras situações, da criação do gado até à agricultura. No que diz respeito ao social, esta também se limita numa extensão familiar constituída por chefes, os patriarcas da tribo, os membros da tribo e os escravos. (MARX; ENGELS, 2008).

A propriedade estatal ou comunal, que está situada na antiguidade clássica, é uma reunião de várias tribos para formar uma cidade. Essa reunião pode ocorrer por contrato ou por conquistas. A propriedade era estritamente coletiva, nesta propriedade estão incluídos, também, os escravos. De forma simultânea surgem as propriedades privadas móveis e imóveis, estas, porém, eram subordinadas à coletividade. Nesta época, a relação de classe entre cidadãos e escravos está desenvolvida. (MARX; ENGELS, 2008).

A propriedade feudal apresentava as primeiras formas de organização do trabalho: agricultura, artesanato. A estrutura social continha em si a nobreza e os vassalos. A propriedade principal neste período eram o território e o trabalho próprio. (MARX; ENGELS, 2008).

Por fim, a propriedade privada capitalista predominante no século XIX e ainda em seu desenvolvimento, embora, já se pudesse perceber de forma explícita, surge com a revolução industrial bem como com a revolução burguesa. Os meios de produção são expropriados dos indivíduos. Alguns passam a deter o capital e o trabalhador detém a sua força de trabalho. Com as indústrias surge o modo de produção em massa e a divisão do trabalho dentro das fábricas. A relação de

classes aqui se dá entre exploradores e explorados, burgueses e proletários. (MARX; ENGELS, 2008).

3.3 A DIVISÃO DO TRABALHO

A divisão do trabalho para Marx, na sua obra *O capital*, é definida como “a totalidade das formas heterogêneas do trabalho útil, que diferem em ordem, gênero, espécie e variedade” (MARX apud BOTTOMORE, 2001, p. 112). A divisão do trabalho se torna uma condição sem a qual não haveria mercadoria, e com a ausência de mercadoria não haveria mercado, isto é, a troca de mercadorias advém diretamente da divisão do trabalho e da sua produção independente e heterogenia. Contudo, a recíproca não é verdadeira: mesmo com a inexistência da troca de mercadorias haveria a divisão de trabalho. Exemplo disto são as comunidades primitivas.

Segundo Bottomore (2001, p.112), no seu *Dicionário do pensamento marxista*, esta divisão do trabalho pode ser caracterizada de duas formas:

...há duas divisões do trabalho inteiramente diversas a serem consideradas; Primeiro, há a divisão social do trabalho, entendida como o sistema complexo de todas as formas úteis diferentes de trabalho que são levadas a cabo independentemente umas das outras por produtores privados. [...] Em segundo lugar, existe a divisão de trabalho entre trabalhadores, dada um dos quais exerce uma operação parcial de um conjunto de operações que são, todas, executadas simultaneamente e cujo resultado é o produto social do trabalhador coletivo.

A divisão do trabalho na sociedade acontece da seguinte forma: intelectual e manual. Sendo que a primeira está para aqueles favorecidos e que logo idealiza como será o destino daqueles que estão abaixo. Em outras palavras, os que menos se esforçam, são aqueles que mais tiram proveitos da situação dos menos beneficiados que trabalham utilizando a força física.

Essa diferenciação entre trabalho intelectual e trabalho manual é o início daquilo que na filosofia marxista chamará divisão social do trabalho.

Chamaremos de divisão social do trabalho à distribuição das diferentes tarefas que os indivíduos desempenham na sociedade [...] que se realizam em função da situação que eles têm na estrutura social (HARNECKER, 1983, p. 40).

Com esta divisão do trabalho observa-se que em cada nação com seu desenvolvimento faz-se a separação entre “o trabalho industrial e o comercial, de um lado, e o trabalho agrícola, de outro, e com isso, a separação da cidade e do campo e a oposição de seus interesses” (MARX; ENGELS, 2008, p. 29). Depois essa divisão ocorrida entre o trabalho comercial e o industrial, há diversas subdivisões que se caracterizam da seguinte forma:

Ao mesmo tempo, através da divisão do trabalho dentro destes diferentes ramos, desenvolvem-se diferentes subdivisões entre os indivíduos que cooperam em determinados trabalhos. A posição de tais subdivisões particulares umas em relação a outras é condicionada pelo modo pelo qual se exerce trabalho agrícola, industrial e comercial [...]. Estas mesmas condições mostram-se ao se desenvolver o intercâmbio entre as diferentes nações (MARX; ENGELS, 2008, p. 29).

A divisão dos trabalhos se desenvolveu e se modificou durante a história sendo que para cada tipo de propriedade se exercia uma divisão de trabalho diferenciada. Quando a propriedade era tribal “a divisão de trabalho está ainda pouco desenvolvida e se limita a uma maior extensão da divisão natural do seio da família” (MARX; ENGELS, 2008, p. 30).

Ao passar para a propriedade estatal “a divisão de trabalho era mais desenvolvida. Encontramos já oposição entre a cidade e o campo, e mais tarde a oposição entre os Estados que representam os interesses da cidade; [...] a oposição entre o comércio marítimo e a indústria” (MARX; ENGELS, 2008, p.31).

Na propriedade feudal a divisão do trabalho continua com uma oposição entre campo e cidade, contudo, a existência de grandes territórios e de uma agricultura pouco desenvolvida impedia grandes evoluções. Havia também, o trabalho manual e artesanal feitos por especialistas que detinham os meios de produção e o conhecimento de todo o processo. Com o advento da propriedade capitalista, os trabalhadores foram expropriados de seus meio de produção bem como do conhecimento da totalidade da produção, apenas tinha sua força de trabalho e um conhecimento parcial de todo o processo. (MARX; ENGELS, 2008).

3.4 A LUTA DE CLASSES

A sociedade, segundo Karl Marx, sempre esteve dividida em dois grandes blocos distintos entre si: servidos e servidores. No decorrer da história da humanidade esta situação não foi contornada mesmo mediante todo o desenvolvimento político, econômico, intelectual, cultural, tecnológico etc. A mudança do modo de produção do feudalismo para a burguesia, assim como as demais mudanças já ocorridas dos tempos mais remotos, não conseguiram acabar com as diferenças entre as classes sociais antagônicas próprias de cada modo de produção. Tal afirmação pode-se observar no texto do filósofo:

A moderna sociedade burguesa, surgida das ruínas da sociedade feudal, não eliminou os antagonismos entre as classes. Apenas estabeleceram novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das antigas (MARX e ENGELS, 2011, p. 40).

O estabelecimento da classe burguesa traçou uma relação de opressão sofrida pela classe menos favorecida, isto é, o proletariado. Tal classe, dia-a-dia é vítima da constante exploração da burguesia. Assim, fica então, caracterizado o perfil da sociedade burguesa como opressora, na medida em que fora se afirmando as duas grandes classes: burguesia e proletariado. Marx denomina de burguesia, os detentores do poder, e proletariado, os que se encontram sob o poder da burguesia.

Da teoria de Marx depreende-se que com o desenvolvimento da tecnologia houve o alarmante crescimento das áreas urbanas da sociedade como também da ciência, da política, do pensamento humano, da cultura. E, com o desenvolvimento destes e outros setores sociais, o distanciamento entre burguesia e proletariado vai alargando-se cada vez mais, a burguesia, classe dominante, torna-se cada vez mais detentora de capital e, portanto, de poder político diferente.

Ao longo de todo o processo de desenvolvimento da sociedade burguesa, ela sempre se mostrou envolvida por um caráter destruidor de bases já edificadas para a instauração de sua própria estrutura, mesmo que para tal feito, nem mesmo a individualidade e a dignidade humana sejam preservadas de suas "abusivas" transformações.

Onde quer que tenha chegado ao poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Dilacerou impiedosamente os variados

laços feudais que ligavam o ser humano a seus superiores naturais, e não deixou substituir de homem para homem outro vínculo que não o interesse nu e cru, o insensível "pagamento em dinheiro." (MARX e ENGELS, 2011, p. 42).

Aqui, surge um novo problema, pois há um desgaste de relações familiares. Antes da burguesia existia um clima de companheirismo, gentileza, ou melhor, de fazer aos outros com intuito de ajudá-lo no necessário sem visar recompensa. Hoje ao se converter em mais uma das inúmeras formas de obtenção de lucro, não há como estabelecer a certeza do ponto em que as relações pessoais são (MARX E ENGELS, 2011, p. 43) "cavalheirescas" ou se por trás de tais relações há, novamente, o gélido "sentimentalismo pequeno – burguês", da soma de capital, de forma a concentrá-lo única e exclusivamente em suas mãos.

Percebem-se estes fatos, hoje, com naturalidade, pois esse tipo de relação tornou-se tão comum em nossa sociedade que passou a adquirir o caráter de "normalidade". Por exemplo, a mãe pede ao filho que ele faça o favor de ir ao supermercado fazer compras e ele friamente lhe responde que só vai se receber dinheiro em troca do favor ou, por outro lado, a mãe promete um vídeo – game ou uma bicicleta a este mesmo filho para que ele vá estudar.

Atualmente, situações como estas se apresentam com um grau de naturalidade tão absurdo que pode ser comparado com um sistema de troca em que se entrega o produto pelo preço combinado sem levar em conta a forma como foi produzido e quem o produziu. E justamente esse o perfil do pensamento burguês, o que importa é o fim, que é o capital, e não os meios. Desta forma,

A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então consideradas dignas de veneração e respeito. Transformação em seus trabalhadores assalariados o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem da ciência. A burguesia rasgou o véu de comovente sentimentalismo que envolvia as relações familiares e as reduzia a meras relações monetárias. (MARX e ENGELS, 2011, p. 43).

O que nesse campo se deve entender por justo na sociedade burguesa? É justo para a burguesia o acúmulo de bens capitais em suas mãos, mesmo que com o seu enriquecimento ocorra em maior proporção o empobrecimento exacerbado de todo ou da maior parte do proletariado. E justamente este o caráter burguês desprezível, segundo Marx. A burguesia utiliza o proletariado para seu enriquecimento e o torna cada vez mais miserável.

Tal como se observa nos países periféricos em relação às grandes potências econômicas internacionais, tal realidade é vista nas grandes capitais brasileiras, particularmente as situadas nas regiões norte e nordeste, o altíssimo grau de desigualdade social existente entre uma minoria acumulativa de capital e uma maioria vendedora da força de trabalho.

É esse o caráter revolucionário da burguesia. Por onde quer que se instale as relações são transformadas aos seus critérios. Da forma "narcótica" de relações a que o homem era submetido sob os fundamentos das religiões, os sujeitos da ação burguesa, no caso, proletários, (MARX E ENGELS, 2011, 44) "são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida, suas relações recíprocas".

Isto só vem a favorecer a classe oprimida, pois é a partir da consciência de ser oprimido, que o proletário insatisfeito com a situação de vida que lhe é imposta, parte para a luta em busca de melhores condições de vida, mas para isso é necessário acabar com o seu principal adversário a burguesia, que, estende-se por todos os cantos dominando e fazendo submissos muitos outros povos no mundo globalizado.

É como se encontra nossa estrutura mundial atualmente. As indústrias precisam de mãos-de-obra cada vez mais barata, precisam estender seus mercados e, necessitam de matéria prima mais acessível e que proporcione maior quantidade de produto com menos gastos, gerando o lucro. Eis a grande necessidade de "conquistar novos mares". Ir em busca de novos países para a instalação de suas indústrias se faz necessário para a burguesia manter seu domínio. Prova disso são as grandes empresas norte-americanas e japonesas como: Nike, Mc Donald's, Coca-Cola, Toshiba, Philco, Microsoft etc.

Com isso, perde-se a perspectiva de criar um comércio interno e estruturar a economia nacional. Agora, o importante é acompanhar o mercado, ligar-se em todo o globo terrestre. Expandir visando sucesso é esse o interesse do mercado mundial. Com o surgimento dos meios de transportes de grande porte, o mercado ficou apto atender todas as necessidades de consumo das nações, esses avanços superaram as fronteiras entre os povos.

Não só a expansão de produtos industrializados, mas, sobretudo o próprio pensamento burguês de consumo - comprar e comprar e comprar para se adequar ao perfil dos países desenvolvidos. É justamente este pensamento burguês, que

rege toda a sociedade internacional. Marx (2011, p. 44), na sua obra política *O manifesto do partido comunista*, afirma que:

Através da exploração do mercado mundial, a burguesia deu um carácter cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países. Para grande pesar dos reacionários, retirou debaixo dos pés da indústria o terreno nacional. As antigas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a ser destruídas a cada dia. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão de vida ou morte para todas as nações civilizadas-indústrias que não mais empregam matérias-primas provenientes das mais remotas regiões, e cujos produtos são consumidos não somente no próprio país, mas em todas as partes do mundo. Em lugar das velhas necessidades, satisfeitas pela produção nacional, surgem necessidades novas, que para serem satisfeitas exigem os produtos das terras e dos climas mais distantes. Em lugar da antiga autossuficiência e do antigo isolamento local e nacional, desenvolve-se em todas as direções um intercambio universal, uma universal interdependência das nações. E isso tanto na produção material quanto na intelectual. Os produtos intelectuais de cada nação tornam-se patrimônio comum. A unilateralidade e a estreiteza nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis, e das numerosas literaturas nacionais e locais formam-se uma literatura mundial.

É notório, atualmente que todas as pessoas para conseguir sobreviver precisa não perder tempo, porém, o tempo de trabalho na empresa não corresponde ao valor monetário (salário) que o individuo recebe, porque o objetivo de quem compra a força de trabalho é aumentar o seu lucro. No final das contas, somente a burguesia é favorecida. Dessa forma as vantagens serão da burguesia, pois ela é quem, "cria um mundo à sua imagem e semelhança" (MARX E ENGELS, 2011, 45). E, querendo ou não, todas as pessoas são incluídas nesse mundo de consumo e desigualdade.

4 O DESDOBRAMENTO DO PENSAMENTO MARXISTA

O legado de Marx não restringe aos espaços em que ele viveu. Hoje, o marxismo é conhecido em todo o mundo. Mesmo que algumas de suas obras tenham sido publicadas postumamente, por exemplo, os volumes II e III da clássica obra *O Capital*. Muitos pensadores deram continuidade às reflexões sobre o pensamento Marxiano, dentre estes, o próprio Engels, amigo e companheiro intelectual de Karl Marx.

Tendo em vista a expansiva gama de linhas do pensamento marxista delimitar-se-á aqui duas escolas do pensamento marxista. Quais são elas? O pensamento marxista as ações da Associação Internacional de Trabalhadores e a escola de Frankfurt, um dos núcleos do pensamento marxista na Alemanha.

A proposta do trabalho apresentado, não visa esgotar a reflexão a respeito do pensamento marxista ao longo dos anos que sucederam Marx e que, aliás, sobrevive até hoje nos movimentos de operariado, nos movimentos sociais, nas acadêmicas e nos mais diversos espaços de discussão sobre a realidade. Contudo, a intenção é mostrar primeiro que existe um pensamento marxista posterior a Marx e apresentar os espaços e pensadores que deram continuidade à teoria marxista. Entender como se desenvolveu o materialismo histórico, a forma de conceber o homem e a sociedade é papel fundamental da posterior reflexão sobre o conjunto de ideias elaboradas por Marx.

4.1 A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES

A Associação Internacional dos Trabalhadores ou, de forma mais comum, a Internacional, fora um espaço privilegiado para o desenvolvimento do pensamento marxista. Isto ocorre porque Marx e Engels participaram de suas reuniões, debates e assembleias. Há a avaliação de que se não tivesse havido a participação desses dois pensadores, muito dificilmente a associação dos trabalhadores dos países da Europa Central e Ocidental teria tido êxito em seus trabalhos.

Essa associação dos trabalhadores se inicia no ano 1864 com a I Internacional e vai até meados de 1943 com a III Internacional e com a tentativa da

implantação da IV Internacional. Ao contrário do que se possa imaginar, não havia uma hegemonia de pensamento dentro das Internacionais. De alguma forma, na I Internacional o pensamento marxista se sobrepôs aos outros, contudo, não era hegemônico e sofria oposição, como, por exemplo, os socialdemocratas e os anarquistas.

A I Internacional é iniciativa dos trabalhadores de Londres e Paris numa tentativa de reerguimento após a derrocada nas batalhas e lutas da Revolução de 1848, onde Luís Napoleão Bonaparte acabou vencendo. Marx em seu livro *O 18 de Brumário* faz uma análise deste acontecimento. Como também presta solidariedade ao levante nacional polonês em 1863. A Internacional era composta tanto por indivíduos como por organizações locais. Seu Conselho Geral, eleito em congressos da Internacional, era sediado em Londres, pelo menos até 1872.

A I Internacional durou de 1864 a 1876. Nos primeiros anos a diretiva doutrinal e disciplinar cabia praticamente a Marx que definiu pontos centrais como “medidas contra a exportação de *fura-greves*, protestos contra os maus tratos infringidos aos prisioneiros fenianos irlandeses e a luta contra a guerra”. (BOTTOMORE, 2001, p. 195). A solidariedade entre os trabalhadores era um dos objetivos primordiais da I Internacional com a intenção de fortalecer a classe proletária.

Com o desenvolvimento da Internacional, os objetivos da mesma foram se tornando mais universais e socialistas. Bottomore (2001, p.195) relata esse período da seguinte forma:

Com o desenvolvimento da Internacional, Marx conseguiu assegurar a adoção de reivindicações de caráter cada vez mais socialista. Assim, em 1868, apesar de uma oposição proudhonista decrescente, a Internacional, que iniciara sem qualquer compromisso específico com a propriedade pública, declarou-se a favor da propriedade coletiva das minas, ferrovias, terras aráveis, florestas e comunicações.

Um fato histórico relevante para a I Internacional foi a Comuna de Paris. Este levante ocorreu no ano de 1871 em Paris após a queda de Napoleão III ante o império prussiano. É considerado por alguns estudiosos, a primeira experiência de uma sociedade governada por proletários (SILVA, 2011). Tiveram grande participação na Comuna os adeptos de Proudhon e Marx redigiu em solidariedade à Comuna o texto *A guerra civil na França*. Depois da derrocada dessa experiência, a I

Internacional, tendo Marx e Engels como pensadores desta ideia, propôs a organização política do proletário e a conquista do poder político, este pela Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT).

A experiência da Comuna, bem como o desenvolvimento da luta pelo direito do voto da classe operária, levaram Marx e Engels a atribuírem grande ênfase à necessidade de forma efetivas de ação política. Em setembro de 1871, por iniciativa de ambos, a AIT, na Conferência de Londres, manifestou-se oficialmente, pela primeira vez, em favor da 'constituição da classe operária num partido político' (BOTTOMORE, 2001, p.196).

Logo que fora anunciada essa nova posição do AIT em relação à organização dos proletários em partidos, surgiram as oposições a esta ideia. Bakunin, à frente da Aliança Internacional para a Democracia Socialista, partidários do anarquismo e contrários a organização política do proletário se opuseram as indicações do Conselho Geral de 1871 e criticavam seu excessivo poder e autoritarismo. Desde então houve uma sistemática oposição de Bakunin dentro da AIT, até que no Congresso de Haia de 1872 Marx e Engels conseguiram aumentar os poderes do Conselho Geral, bem como expulsar Bakunin e seus partidários da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Sobre a Conferência de 1871 Vieira conclui:

Na conferência de Londres em 1871, a Associação Internacional de Trabalhadores acabou resolvendo que era necessário fundar legalmente partidos trabalhistas nos países industrializados da Europa, visando à revolução socialista. O Partido Social-Democrata de Trabalhadores da Alemanha foi fundado antes, em 1869, como primeiro partido trabalhista de caráter nacional (Vieira 2013 p. 184).

Neste mesmo Congresso fora aprovada a mudança da sede do Conselho Geral para Nova York – EUA. Afirma-se que o Congresso de Haia fora o ponto final da I Internacional. Depois desta conferência e mudança para Nova York a AIT entrou em declínio e fez sua última conferência na Filadélfia em 1876. Ainda restou um grupo, sem muita organização que tentara resgatar a AIT. Este grupo durou até 1881. Contudo, o que se via era o crescimento dos partidos nacional-socialistas, doutrina fortemente pregada na I Internacional e, neste período, consideravam um partido internacional sem perspectivas (BOTTOMORE, 2001).

A II Internacional que se estendeu de 1889 até 1914. Foi fundada pelos marxistas no Congresso Internacional dos Trabalhadores em Paris. Sua maioria era

constituída dos partidos socialdemocratas da Europa. A base da II Internacional era bem maior do que a da I Internacional, e o movimento em direção á luta política era predominante entre os pensadores da II Internacional. Os partidos socialdemocratas obtinham ano-após-ano mais legitimidade política, filiados e votos. Engels continuou contribuindo com a II Internacional, contudo, depois de sua morte em 1895, Karl Kautsky e Georgi Valentinovtch Plakhanov passaram a ser os principais pensadores desta federação livre de partidos e sindicatos.

Grosso modo, as bandeiras levantadas pela II Internacional eram a determinação da jornada de trabalho de oito horas, a adequação da legislação trabalhista e luta pela paz que deveriam ser defendidas pelos partidos socialistas. Ainda não sendo uma escola de pensamento homogêneo, participavam, também, da II Internacional vários matizes do socialismo. Contudo em 1896, no Congresso de Londres, novamente foram expulsos os anarquistas, e em 1904 no Congresso de Amsterdã, expulsaram os Revisionistas.

Em 1914 com o advento da Primeira Guerra Mundial somente os partidos russo, sérvio e o húngaro permaneceram fieis ao pacto de paz, os outros se deixaram levar pelo nacionalismo e a luta armada. Esse praticamente foi o fim da II Internacional, contudo, ainda tentou se organizar, durante algum tempo alguns partidos na Europa. Bottomore descreve a situação deste movimento da seguinte forma:

Esta associação considerava-se como um primeiro passo para uma Internacional ampla e, em 1923, num congresso realizado em Flamburgo, uniu-se à Segunda Internacional revivida para formar A Internacional Trabalhista e Socialista, que deixou de funcionar em 1940. Foi substituída pela atual Internacional Socialista, que é uma associação livre dos principais partidos socialistas e socialdemocráticos em todo o mundo com sede em Londres (BOTTOMORE, 2001, p. 197).

Por sua vez a III Internacional foi uma iniciativa dos bolcheviques da URSS. Quando do início da Primeira Guerra Mundial, Lênin proclamara o fim da II Internacional e o início da III Internacional. Esta durou de 1919 até 1943 e ficou conhecida também como a Internacional Comunista ou Comintern. Desde o início, a III Internacional deixa claro que rompe totalmente com a II Internacional e que seus objetivos são diferentes ou mais alargados que as que pensavam os socialdemocratas.

Em seus Estatutos, o Comintern declarava que 'rompia de uma vez por todas com as tradições da Segunda Internacional, para qual somente existiam povos de pele branca': sua missão era congregar e libertar trabalhadores de todas as cores (BOTTOMORE, 2001, p. 198).

No campo teórico, a III Internacional se caracterizava pelo seu combate ao reformismo e ao centrismo. Deveria também, não ser adepto da socialdemocracia, bem como fez oposição ferrenha a Trotski que acabou sendo expulso do Comintern em 1927. No centro de sua reflexão, colocava-se o retorno à dialética e uma releitura de Marx sob os auspícios de Hegel.

Com o nascimento da Terceira Internacional (fundada em 1919, tendo como partido-guia o Partido Bolchevique, que liderou a revolução vitoriosa na Rússia), procurou-se superar essas orientações de interpretação com a releitura de Marx efetuada Ana ótica Hegel. A consequência foi que a temática da dialética voltou ao primeiro plano, em luta renhida contra as infiltrações positivistas, darwinianas, neokantianas e empiriocriticistas da genuína tradição hegelianomarxista (REALE; ANTISERI, 2007, p. 784).

Em plena Segunda Guerra Mundial e depois do ataque da Alemanha Nazista à URSS, em 1943 o Comintern foi dissolvido, dando fim à III Internacional. Na história das organizações internacionais de trabalhadores ainda surge um ensaio de uma IV Internacional.

A Quarta Internacional foi fundada em 1938 por iniciativa de Trotski e de pequenos grupos de seus partidários em oposição à Segunda e à Terceira Internacionais [...]. Permaneceu restrita e sempre esteve sujeita a sérias cisões (BOTTOMORE, 2001, p. 198).

Como demonstrado anteriormente, conclui-se que as Internacionais acabaram sendo um reduto de discursão do pensamento marxista e ao mesmo tempo locais onde podem ser pensadas as ações daqueles que acreditavam no socialismo e/ou no comunismo. Ao mesmo tempo, foi um grande espaço de discussão e oposição de ideias, nem sempre bem entendidas, porém, confrontadas. Perpassaram um grande período desde o início da I Internacional até a intenção de fazer uma IV Internacional, ao tempo que também, contribuíram com esses movimentos grandes pensadores, dentre eles o próprio Marx.

4.2 A ESCOLA DE FRANKFURT

A escola de Frankfurt é outra vertente do pensamento marxista. A gênese desta escola se dá entre os anos de 1920 e 1930, ligada ao Instituto de Pesquisa Social. A iniciativa deste instituto de pesquisa é de Félix Klein. Teve como primeiro diretor Karl Grünberg, depois Friedrich Pollock, e em 1931, Max Horkheimer. Outras mentes brilhantes estão ligadas a esta escola, entre elas, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas e Walter Benjamin.

Esta escola de pensadores posicionou-se contra o capitalismo, bem como contra o regime soviético. Apontava para a crítica do pensamento marxista, que segundo a mesma, caiu num positivismo e darwinismo exagerado. Busca, antes de tudo, uma aproximação do hegelianismo e sua relação com o marxismo e o freudismo. Diante disto a crítica torna-se o centro dessa escola que é denominada, também, de Escola Crítica que busca formular uma teoria crítica da sociedade. Assim, Reale e Antiseri (2007, p.839) relatam esse aspecto da Escola de Frankfurt:

A teoria crítica da sociedade 'persegue de modo inteiramente consciente o interesse da organização racional da atividade humana'. A teoria crítica pretende ser uma compreensão totalizante e dialética da sociedade humana em seu conjunto e, para sermos mais exatos, dos mecanismos da sociedade industrial avançada, a fim de promover sua transformação racional que leve em conta o homem, sua liberdade, sua criatividade, seu desenvolvimento harmonioso em colaboração aberta e fecunda com os outros, ao invés de um sistema opressor e sua perpetuação.

Para entender, também, essa crítica construída pela Escola de Frankfurt deve-se entender o contexto histórico em que esses pensadores estavam inseridos. Tratava-se de períodos entre guerras e pós-segunda guerra. Havia ocorrido a Primeira Guerra Mundial, a Revolução na Rússia em 1917, a tentativa frustrada de Revolução na Alemanha em 1923, surgimento do Facismo na Itália, do Nazismo na Alemanha, o Stalinismo na URSS, grandes avanços tecnológicos, bipartidarismo global entre EUA e URSS. Ou seja, o contexto em que os pensadores da Escola de Frankfurt estavam inseridos era de constantes mudanças e antagonismos.

Longe de ser um grupo homogêneo de pensamento, a Escola de Frankfurt é dividida praticamente em duas linhas de pensamento. Em um ponto de vista, tem-se os membros do Instituto de Pesquisa Social capitaneados por Horkheimer, Adorno,

Poloch, Marcuse. E em outra situação pode-se apontar Jünger Habermas como sendo um reformador da teoria crítica desenvolvida dentro desta Escola.

Os pensadores da Escola de Frankfurt não fizeram suas reflexões a partir do nada. Buscaram base em pensadores que de alguma forma deram sua contribuição para a formulação da razão e da crítica. Pensadores como Kant, Hegel, Marx, Weber, Luckás e Freud são exemplos de figuras sobre as quais os membros da escola dialogadores desenvolveram suas ideias. Mesmo tendo esse leque enorme de pensadores e dialogadores pode-se conceber como objetivo comum dos pensadores de Frankfurt.

A motivação para esse projeto teórico parece ser a mesma em todos os pensadores da Escola de Frankfurt: seu objetivo é lançar as bases para a tematização, em um contexto de pesquisa interdisciplinar, de questões relacionadas às condições que tornam possível a reprodução e a transformação da sociedade, o significado da cultura e as relações entre o indivíduo a sociedade e a natureza (BOTTOMORE, 2001, p. 128).

Um dos pontos centrais do pensamento frankfurtiano é a ideia de indústria cultural. De forma sintética, Mogendorff (2012, p.155) esclarece o conceito de indústria cultural:

É interessante atentar para a terminologia, pois a expressão indústria cultural por vezes pode se confundir com as indústrias produtoras ou mesmo com as técnicas utilizadas para difundir esses bens. A indústria cultural se refere sim ao processo social de formação da cultura em bem de consumo tendo como plano de fundo uma sociedade imersa no capitalismo avançado.

Dentre os vários nomes ligados à Escola de Frankfurt, alguns deles merecem ser ressaltados. Horkheimer (1895 – 1973) é o primeiro deles. Filósofo e sociólogo alemão que por intermédio de Pollock passou a fazer parte do Instituto de Pesquisa Social do qual foi diretor em 1931. Tem como grande inspirador o também pensador alemão. Arthur Schopenhauer. Escreveu em conjunto com Theodor Adorno a *Dialética do Esclarecimento*. Horkheimer se opôs a tudo que fora produzido e incentivado nas II e III Internacionais. A sua crítica voltava-se, principalmente, para as indicações positivistas e deterministas que as Internacionais fizeram do materialismo histórico. O núcleo essencial de suas obras é a regeneração da filosofia e política marxistas. (BOTTOMORE, 2001).

No bojo da discussão sobre a razão instrumental, a alienação e a indústria cultural, ou *mass media*, está Theodor Adorno (1903 – 1969). Filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão, Adorno também fez parte do núcleo mais expressivo da Escola de Frankfurt. Adorno, também, trabalha a questão da dialética negativa existente na obra *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. “Contra a dialética da síntese e da conciliação, Adorno baseia-se na dialética da negação, a dialética negativa, isto é, na dialética que nega a identidade entre realidade e pensamento.” (REALE e ANTISERI, 2007, p.841).

Outro pensador, Herbert Marcuse (1898 – 1979) foi um filósofo e sociólogo alemão que depois migrou para os EUA e que fez parte também da Escola de Frankfurt. Fez questão de resgatar os conceitos de razão e negatividade nas obras de Hegel, bem como buscou intensamente dar visão às obras do Jovem Marx. “A carreira de Marcuse traduz um esforço constante no sentido de analisar e reconstruir o projeto teórico e político marxista”. (BOTTOMORE, 2001, p. 234). E ainda, “os fins últimos de sua crítica da sociedade são a autoemancipação, sustentação de um movimento político descentralizado e a reconciliação da humanidade com a natureza.” (BOTTOMORE, 2001, p.234).

Posteriormente veio a se juntar a esta escola o pensador Habermas (1929). Tal pensador foi aluno de Adorno. “O objetivo último de Habermas é criar um quadro geral dentro do qual um grande número de abordagens aparentemente competitivas das ciências sociais se possam integrar.” (BOTTOMORE, 2001, p. 174). Ele tentou dar base filosófica à teoria crítica. Foi o formulador da teoria da Agir Comunicativo em contraposição ao que ele denominou Agir Instrumental. O Agir Comunicativo busca, antes de mais nada, falar ou atuar um com outro, ao contrário de querer dominar; as ações são orientadas por um consentimento mútuo onde, no fim das contas, se busca sempre o consenso.

Assim sendo, como demonstrado, é visível que o pensamento marxista continua a ser desenvolvido nos mais diferentes matizes. Percebe-se, claramente, a pluralidade destes pensadores bem como a sua convergência em torno dos pontos principais do pensamento de Marx. Buscar o desvencilhamento das classes trabalhadoras do domínio de outrem é característica importante das escolas de pensamento marxistas surgidas pós-Marx. Isto mostra que a luta por um mundo melhor e mais igual não obsta de nosso cotidiano nem de nossas possibilidades.

5 CONCLUSÃO

A dedicação aos estudos dos textos filosóficos de Marx aponta sua preocupação e busca da compreensão da realidade material, para assim elaborar sua crítica à sociedade capitalista. No desenvolver deste trabalho de pesquisa, procurou-se analisar os principais momentos desta crítica de Marx. Tal análise desperta o interesse do Marx filósofo, comprometido com a transformação da realidade, traço este que era próprio de quem fazia do filosofar um compromisso histórico.

Ao criticar a sociedade capitalista, Marx busca nas relações sociais uma concepção material das formas em que o capitalismo se apresenta, de modo que sirva de princípio teórico para uma crítica suficiente ao caráter fetichista das relações capitalistas que privam o homem de sua liberdade, fazendo-o agir não da forma que pretende, mas da forma que lhe é estabelecida.

Na tentativa de criticar as relações capitalistas pela alienação do trabalho, tal como encontramos nos *Manuscritos*, mesmo desvendando o trabalho alienado de forma do trabalho abstrato. Por outro lado, tal crítica consistia, sim, numa denúncia de um fato que negava a vontade livre e autônoma do homem, em um modelo perverso em que o trabalho alienado aliena a autonomia do trabalhador.

Faz-se urgente uma mudança de mentalidade. O ser humano precisa parar de lutar contra si mesmo em favor de sua aceitação pelo mercado capitalista e, deve edificar a sociedade de forma a agir com responsabilidade consigo mesmo, com os demais seres humanos, com sua história, com sua cultura e com a natureza.

Enfim, percebe-se em Marx que o estabelecimento da nova sociedade não se trata de uma adequação de valores éticos e religiosos, antes, de uma adequação do indivíduo à sociedade a que está inserido para de modo livre e responsável mudá-la com fins ao estabelecimento do bem comum e não mais para fins econômicos particulares.

Urge, portanto, entender que até os dias de hoje, continua a máxima das relações materiais e da determinação do homem por aquilo que ele é e por aquilo que ele vive e não por aquilo que ele imagina ser. Por isso, entender seu papel na sociedade, entender suas relações com os outros e consigo mesmo, entender as

forças antagônicas existentes no mundo e a luta de interesses é de especial importância para a queda do sistema capitalista implantado.

O pensamento de Marx continua bem atual, seja na academia, seja nos sindicatos e, também, nos círculos cotidianos do dia-a-dia. Onde houver explorados e exploradores deve-se lembrar de que essa não é situação que deve ser aceita e que o desdobramento do pensamento marxista busca sempre a libertação desse homem.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Dalmo Dallari. **O que é Participação Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

BITTAR, Eduardo C. B.; ALMEIDA, Guilherme Assis de. **Curso de Filosofia do Direito**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COSTA, Sílvio. Importância e atualidade da Comuna de Paris de 1871. **Espaço Acadêmico**, n. 118, p. 16-24, mar. 2011.

DANIEL, Orlando. **A 1ª Internacional na história do movimento operário europeu**. Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223913233Q1vMV4bm8Dx81FA4.pdf>

Acesso em: 10 nov. 2013.

ENDERLE, Rubens. O jovem Marx e o Manifesto Filosófico da escola histórica de Direito. **Crítica Marxista**, Campinas, n. 20, p. 111-122, 2005.

GEOVANNI, Reale. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. São Paulo: Paulus, 2007.

HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementares do materialismo histórico**. 2. ed. São Paulo: Global, 1983.

KOHAN, Néstor. **Dicionário básico de categorias marxistas**. Disponível em: <http://pcb.org.br/porta1/docs1/texto3.pdf> Acesso em: 22 out 2013.

MONDIN, Batista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente_ Volume 3**. São Paulo: edições paulinas, 1983.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MOGENDORFF, Janine Regina. A escola de Frankfurt e seu legado. **Verso e reverso**, n. 63, p. 152-159, set./out. 2012.

SILVA, Sheyla Suely de Sousa; NÓBREGA, Mônica Barros da; FONSECA, Cleomar Campos. Hegel: suas contribuições ao conhecimento, sua discussão sobre o estado e a (im)pertinência de suas análises para o estudo do estado contemporâneo. **Qualitas**, João Pessoa, Vol. 1, n. 1, p. 1-13, 2011. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/viewFile/1030/585>. Acesso em: 22 out 2013.

TOSI, Alberto Rodrigues. Sociedade, educação e emancipação. In: _____. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 31- 41.

VIEIRA, Evaldo. A socialdemocracia: longo caminho até a terceira via. **Currículo sem fronteiras**, v.13, n. 2, p. 182-203, maio/ago. 2013.

ZILLES, Urban. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Editora Paulus, 1991.